

cadernos
IHU
ideias

**Censo 2010 e religiões:
reflexões a partir do novo
mapa religioso brasileiro**

José Rogério Lopes



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

cadernos **IHU** ideias

**Censo 2010 e religiões:
reflexões a partir do novo mapa
religioso brasileiro**

José Rogério Lopes

ano 11 • nº 182 • 2013 • ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 11 – Nº 182 – 2013

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Dr. Marcelo Leandro dos Santos – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci (t) – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Marcelo Leandro dos Santos

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

CENSO 2010 E RELIGIÕES: REFLEXÕES A PARTIR DO NOVO MAPA RELIGIOSO BRASILEIRO

José Rogério Lopes

Introdução

Os dados do Censo 2010 sobre as afiliações religiosas no país, parcialmente sistematizados e divulgados pelo IBGE, configuram um panorama que tem motivado recentemente diversas manifestações entre lideranças religiosas e acadêmicas que estudam os fenômenos religiosos.

Segundo os dados até agora divulgados, tem se evidenciado e aprofundado uma série histórica de transformações no escopo das afiliações e dos adeptos de confessionalidades e tradições religiosas, no Brasil, em detrimento da hegemonia católica e em proveito de uma pluralidade religiosa cada vez mais ampla.

Em que pese o fato de que as estatísticas (mesmo as censitárias) apresentam limites evidentes para a explicação das transformações que elas evidenciam, de caráter quantitativo, é importante compreender que as séries históricas possibilitadas pela regularidade dos Censos, desde a década de 1960, têm possibilitado interpretações importantes sobre a trajetória das mudanças no escopo das afiliações religiosas e seus desdobramentos nas estratégias de criação e reprodução das tradições e denominações presentes no panorama religioso atual.

Nesse sentido, pretendo expor inicialmente alguns elementos de tal trajetória de mudanças para, em seguida, apresentar uma interpretação que possibilite estabelecer correlações entre os dados censitários e a configuração do panorama religioso plural que caracteriza a sociedade brasileira contemporânea.

O Censo e seus dados

O já chamado “mapa religioso brasileiro”¹ que emerge do Censo 2010 tem como sua principal característica a progressão

1 Denominação atribuída ao escopo das afiliações religiosas declaradas no Censo de 2010, distribuídas regionalmente e por categorias de confessionalidades, segundo matérias publicadas na mídia nacional.

de uma tendência que vem se acentuando nas três últimas décadas: o declínio dos adeptos declarados católicos (de 89,2% da população, em 1980, para 64,6%, em 2010) e o avanço crescente daqueles que se declaram evangélicos (de 6,6% para 22,2%, no mesmo período). Dos 24,6% de queda do catolicismo, desde 1980, 19,7% decresceram desde 1991 e, no mesmo período, o número de evangélicos dobrou. Como o campo institucional e denominacional dos evangélicos tornou-se mais diversificado, acelerou-se o processo de diferenciação religiosa no país. Para se ter uma ideia, no campo evangélico, que dobrou, os pentecostais triplicaram o número de adeptos no período de duas décadas, apesar da queda percentual de crescimento na última década (de 4,6% na década de 1990 para 2,7% na década de 2000).

Os dados preliminares do Censo mostram também uma concentração dos que se declaram religiosos nas camadas menos escolarizadas (39,8% de católicos; 42,3% de pentecostais e 33,7% de evangélicos não determinados) e com baixa renda (66% de católicos; 75,3% de pentecostais e 69,6% de evangélicos não determinados), dispersos em regiões periféricas dos grandes centros e nas regiões Nordeste e Centro-Oeste. Nessas mesmas camadas também aumentou muito o número dos que se declaram sem religião.

Outro dado importante refere-se à soma da população cristã, no país. Apesar de ligeira queda, elas atingem ainda o percentual de 86,8% da população, enquanto as demais religiões, juntas, somam 5% (eram 3,2% em 1980), e os sem religião chegaram a 8%, em um crescimento acelerado (eram apenas 1,6% em 1980).

As demais confessionalidades declaradas também apresentaram um ligeiro movimento de mudanças. Os espíritas somam 2%, fixando-se na terceira colocação das declarações de adeptos religiosos, mas abaixo dos que se declararam sem religião. Entre as expressões de tradição religiosa afro-brasileiras, por exemplo, a umbanda e o candomblé mantiveram o mesmo registro estatístico do Censo anterior, com 0,3% de declaração de adeptos. Em números absolutos, isso representaria 407,3 mil membros na umbanda e 167,3 mil no candomblé. Aparecem também, com um registro de adeptos em ligeiro crescimento e uma presença mais definida, o budismo (243,9 mil), o judaísmo (107,3 mil), as novas religiões orientais (155,9 mil) e o islamismo (35,1 mil). Nesse mesmo grupo temos a presença das tradições indígenas, com o total declarado de 63 mil adeptos.

Pensando o mapa religioso brasileiro em seus elementos mais propriamente territoriais, a distribuição geográfica dos dados também apresenta questões importantes para se expor. Apontaria algumas a seguir.

- a) Os dados dos percentuais de queda do catolicismo apontam que a queda mais expressiva foi registrada no Norte, de 71,3% para 60,6%, enquanto as regiões mais católicas permanecem o Nordeste e o Sudeste.
- b) “Permanecem as tendências regionais de um norte mais evangélico e de um nordeste e sul mais católicos, sendo o sudeste uma interessante mistura de um estado mais católico do que a média nacional (Minas Gerais, com 70,43% de católicos e 20,19% de evangélicos); um estado um pouco menos católico que a média nacional (São Paulo, com 60,06% de católicos e 24,08% de evangélicos) e dois estados bem menos católicos e mais evangélicos do que essa média (Rio de Janeiro, com 45,81% de católicos e 29,37% de evangélicos, e Espírito Santo, com 53,29% de católicos e 33,12% de evangélicos)” (MENEZES, 2012, p. 11).
- c) “É em determinados espaços do Amazonas, do Pará, de Rondônia e do Mato Grosso que, depois do Rio e do seu cinto metropolitano, o grupo dos ‘sem religião’ encontra sua maior concentração” (SANCHIS, 2012, p. 6).
- d) “Olhando os dados do espiritismo por dentro, seis estados estão acima da média nacional, de 2,02%: Rio de Janeiro (4,05%), Distrito Federal (3,5%), São Paulo (3,29%), Rio Grande do Sul (3,21%), Goiás (2,46%) e Minas Gerais (2,14%)” (MENEZES, 2012, p. 12).

Essa diversificação religiosa possui também características metodológicas e regionais que merecem mais atenção. De um lado, o IBGE aprimorou a tipologia de coleta da declaração de afiliação religiosa da população, no Censo, acrescentando as categorias de ateus e agnósticos entre os sem religião e, entre os evangélicos, a categoria “sem determinação de denominação”, que somaram cerca de 21,8% dos evangélicos em geral. Entretanto, a tipologia que define a “declaração de múltipla religiosidade” (15.379 casos, no Censo 2010) parece ter apreendido de forma restrita uma prática muito difundida na religiosidade brasileira (SANCHIS, 2012). Por outro lado, a mídia tem complementado esse aprimoramento com o uso de aplicativos na análise dos dados – como o *Tableau Public* – que permite realizar agrupamentos aprimorados dos dados, como fizeram os jornais *Folha de S. Paulo* e o *Estado de São Paulo*, nas matérias sobre o assunto.

Interpretando os dados do Censo em suas modulações

A ideia de modulação dos dados censitários decorre, segundo Sanchis (2012, p. 7), de um

necessário esclarecimento pelos pesquisadores analistas do valor das categorias denominacionais presentes neste Censo. Um dos grandes problemas religiosos do próximo século será o da relação do indivíduo com a instituição que lhe propicia uma identidade religiosa. Dizer-se católico ou umbandista, até proclamar-se evangélico, não será mais unívoco. No caso de uma identidade tradicional, a situação está clara: continua-se aderindo a uma identidade, mas escolhe-se o conteúdo desta adesão. E mesmo no caso de uma conversão, na medida em que o tempo vai passando, a iniciativa individual na bricolagem de uma cosmovisão de fé e de um mapa de vida tende a se alargar. Nesse sentido, as pesquisas deverão afinar as suas perspectivas.

Pensada no horizonte das relações acirradas entre as religiões e a modernidade, atravessadas pelo avanço da ideologia da individualização e a ampliação do campo de possibilidades que se abrem às escolhas religiosas dos indivíduos, essa citação de Sanchis (2012) expõe um desafio analítico: as categorias denominacionais presentes no Censo necessitam ser moduladas por interpretações que as correlacionem com contextos societários, de forma a explicitar seu potencial heurístico mais profundo.

Assim, considerando a aceleração das mudanças do panorama religioso brasileiro, quanto às declarações de afiliação religiosa da população, evidenciadas pelos últimos censos, algumas modulações dos dados tornam-se importantes. Para tanto, vou apresentar aqui uma hipótese que relaciona o crescente pluralismo das afiliações religiosas com a consolidação da vida democrática e o desenvolvimento descentralizado das regiões do país. Com isso, considero que o avanço da democracia, no horizonte das sociedades modernas, se desenvolve a partir de correspondências homólogas entre indivíduo e modernidade, marcadas pela progressiva expansão de seus referenciais seculares e laicistas.

Desde a perspectiva da consolidação da vida democrática, considero estranho, nas diversas análises divulgadas sobre as mudanças do mapa religioso brasileiro, a ausência de referências interpretativas que relacionem o período inicial da tendência de queda do catolicismo – 1970 (91,1%), 1980 (89,2%), 1991 (83,3%), 2000 (73,6%) e 2010 (64,6%) – com o processo de democratização da sociedade brasileira, intensificado a partir de fins da década de 1970, desde quando se manifestaram e amadureceram variadas ações coletivas e lutas sociais, muitas delas saídas do âmbito das ações de grupos de orientação católica (DOIMO, 2005).

Longe de querer estabelecer uma correlação simplista entre democracia e pluralidade/pluralismo religioso, pretendo com essa referência expor a concepção de Dewey (1970) para quem o caráter de deliberação (escolha) dos indivíduos, no exercício

de sua liberdade, tem bases culturais². Assim, é importante destacar que as estruturas rígidas de governo que marcaram a história da sociedade brasileira sempre favoreceram a manutenção de uma pretensa universalidade do catolicismo característica de nossa própria identidade cultural, como “cultura católico-brasileira” (SANCHIS, 1994), gerando processos diversos de discriminação das demais confessionalidades.

Desde essa perspectiva e seguindo a indicação de Jorge e Rivas (2012), na análise dos dados do Censo 2010 sobre as religiões afro-brasileiras, importa destacar que “o processo político ideológico construído a favor da manutenção da cristandade religiosa transportou-se para o plano identitário dos adeptos, fazendo com que esses tenham dado preferência pela declaração de religiões moralmente aceitas e não discriminadas” (JORGE, RIVAS, 2012, p. 127).

Dessa forma, a democratização da sociedade amplia as possibilidades de relação entre as bases científico-econômicas e as bases culturais da democracia com as bases doutrinárias e identitárias das religiões, ampliando o escopo da modernidade e a autonomia das escolhas dos indivíduos, pela reflexividade imposta à vida societária (GIDDENS, 1997).

Se o desenvolvimento físico ou material da sociedade possibilita esclarecer, ou medir, a exterioridade das relações humanas, o desenvolvimento de valores decorrentes das bases cul-

2 Dewey (1970) desenvolve uma análise das condições possibilitadas pela liberdade política, em seu tempo, assentada na crise do Estado totalitário. Indica que a concepção de liberdade é pensada na América como um impulso de natureza humana que funda a própria sociedade: “está em nossa tradição ser o amor da liberdade inerente à sua estrutura” (DEWEY, 1970, p. 99). Assim, desenrola-se uma “crença ética de que a democracia política é um direito moral e que as leis em que se baseia são leis morais fundamentais, às quais se deve obedecer toda e qualquer [forma] de organização social” (idem, ibidem, p. 99), em uma espécie de psicologia popular da democracia. Citando uma correspondência de Thomas Jefferson com John Adams, o autor destaca a descrença daquele na opinião pública, como fator prático que destrói a afirmação legal da liberdade. Dessa perspectiva, questiona a possibilidade da liberdade política manter-se sem liberdade de cultura. Desde sua perspectiva, a liberdade política é insuficiente para explicar o bom funcionamento das instituições políticas, uma vez que “as relações que existem entre as pessoas, fora das instituições políticas [...] afetam as associações e [contatos] quotidianos e, portanto, afetam profundamente as atitudes e hábitos expressos pelo [governo] e normas da lei” (ibidem, p. 100). Assim, as mudanças culturais condicionam mudanças na forma de organização social. “A liberdade de opressões e repressões, que existiam anteriormente, marcou uma transição necessária, mas transições são apenas pontes para algo diferente” (ibidem, p. 100). Retomando Jefferson, e seu temor pela opinião pública, o autor desenvolve argumentos em duas ordens de relações. De um lado, um desenvolvimento da razão e da informação que acompanha as mudanças operadas pela economia e a ciência; de outro, um desenvolvimento das emoções e da imaginação, que acompanha as artes. Assim, compõem os referenciais de liberdade as bases científico-econômicas e as bases culturais da democracia. Tais bases são correspondentes e indissociáveis, na análise das instituições políticas, democráticas ou totalitárias e, aqui, creio que também para as religiosas.

turais ou religiosas também. Isso se evidenciava com força no regime autoritário, enquanto comando material e da “imaginação e com ela todos os impulsos e motivos que nos acostumamos a chamar *interiores*” (DEWEY, 1970, p. 104).

Ora, em sociedades democráticas e plurais, como já analisei em outro estudo (LOPES, 2006), até os governos e governantes necessitam se ajustar a essa realidade, negociando alianças e apoios com líderes religiosos de diversas confessionalidades.

Assim, creio haver uma correlação homóloga entre liberdades democráticas e religiosas no país, a partir dos anos 1980, que projetou a questão do pluralismo religioso como questão nacional, acelerando e ampliando o desenraizamento e o trânsito religioso dos indivíduos.

E o impacto desses desenraizamento e trânsito religiosos entre as instituições religiosas ainda não gerou estratégias adequadas de reprodução delas. Nesse sentido, a concepção de “desafeição religiosa”, cunhada por Ribeiro de Oliveira (2012) auxilia a compreender a distância que se instalou entre as confessionalidades e seus adeptos, sobretudo os jovens. Tal concepção permite caracterizar uma indefinição crescente da identificação confessional declarada pelos informantes, sobretudo justificada por “uma insatisfação dos fiéis com os serviços prestados pelas suas igrejas”, como afirmou Ribeiro de Oliveira (2012), em entrevista ao IHU.

Essa desafeição refere-se a uma mudança geracional que afeta as tradições religiosas (a diminuição crescente do número de jovens católicos e dos protestantes históricos, também destacada nos últimos censos), e que se reforça no aumento acelerado dos que se declaram sem religião, nas décadas recentes.

Se essas características das religiosidades na série histórica recente no Brasil tendem a compor futuramente um campo complexo e difuso de afiliações dos fiéis e trânsitos destes entre elas, com tendências ao acirramento da concorrência religiosa, é certo afirmar que a manutenção histórica da cristandade religiosa favoreceu para que, hoje, o catolicismo exerça “no país o papel de ‘doador universal’, ou seja, ‘o principal celeiro no qual outros credos arregimentam adeptos” (MONTERO; ALMEIDA apud TEIXEIRA, 2012, p. 15).

E se a queda acentuada dos adeptos do catolicismo aparece como o registro mais evidente dessas mudanças, como se configura o perfil do católico, nesse começo de século XXI?

Segundo os dados do Censo, trata-se de um perfil populacionalizado, concentrado nos estratos de baixa renda e escolaridade, indicados anteriormente. O crescente avanço dos carismáticos entre os católicos tem acentuado um perfil espiritualista, mas conservador, com foco nas interações midiáticas e em grandes eventos. Por outro lado, é importante considerar que o catolicismo tem historicamente uma dinâmica plural de identificações

e afiliações, característica dos consensos hegemônicos, que libera os católicos de afiliações rígidas e disciplinadoras. Assim, mesmo considerando as tendências conservadoras acima citadas, o perfil do católico ainda se caracteriza por uma composição variada e multifacetada, já denominada por Sanchis de “larga malha do catolicismo”³, e que o Censo não capta, pelas três tipologias distintas de declaração: Católica Apostólica Romana, Católica Apostólica Brasileira e Católica Ortodoxa.

Mais especificamente, no caso dos jovens, é de se destacar a declaração de muitos deles de não possuir religião porque não encontram a verdade em nenhuma delas, o que leva à indagação do papel das religiões no mundo atual. E aqui, como afirmou Sanchis (2012, p. 7): “uma dialética tenderá a se instaurar entre afirmações de estrutura identitária e reformulações do estatuto da verdade em modernidade. ‘A verdade não se impõe senão por si mesma’, chegou a dizer João Paulo II, abrindo assim para sua Igreja uma nova época”.

Complementar a essa dialética, no panorama religioso desenhado desde o Censo, pode-se afirmar que a busca da verdade torna-se, cada vez mais, um caminho com várias possibilidades. Essa justificativa indicada pelos jovens tem a ver também com o fato de que o crescimento da diversificação religiosa aumenta a “oferta de verdades”, mesmo quando esse aumento é produzido de forma mimética, como entre os evangélicos pentecostais e, sobretudo, os neopentecostais (MARIANO, 2012).

Essa oferta crescente evidencia que o pluralismo religioso é concorrencial e que as confessionalidades apelam constantemente para a cooptação de fiéis ou a fidelização dos mesmos. Assim, a concorrência religiosa que exterioriza essa variedade de verdades pode aparentar-se a uma prateleira de supermercado, como que expondo mercadorias à espera de clientes (o que favorece ainda mais um trânsito religioso). Mas a crescente oferta de verdades tende a produzir uma reflexividade entre aqueles que a buscam. Afinal, entre tantas verdades como escolher uma? Como já indicou o pensador americano Alvin Toffler (1973), no livro *O choque do futuro*, essa ilusão de uma miríade de escolhas acaba embotando a capacidade de discriminação dos indivíduos.

Nesse sentido, o papel das religiões passa também por reflexividades institucionais endógenas, em contraste com “ameaças” exógenas diversas. Embora concorde com o pensador francês Luc Ferry (2004), na ideia de que a religião ainda tem um papel importante na definição do que seja uma boa vida, desde a composição de parâmetros éticos e ideais de realização pessoal e coletiva, a definição desse papel depende da dinâmica dessa reflexividade institucional em desenvolvimento e das orientações que as religiões passarão a adotar (o que evidencia

3 Ver entrevista de Pierre Sanchis disponível em: <<http://migre.me/a36SG>>.

um modelo de “religião em trânsito”, como indicado pelo antropólogo Ronaldo de Almeida [2010]).

Já o aumento crescente de jovens em segmentos religiosos conservadores e desapegados da vida cotidiana (Toca de Assis⁴ e Arautos do Evangelho⁵, no catolicismo, por exemplo) mostra que a vivência dos jovens, em matéria de religião, tem se orientado por experiências com forte apelo corpóreo e espiritualista, de fundo disciplinador e comunitarista.

Por fim, o segundo elemento correlacionado à hipótese aqui desenvolvida – o desenvolvimento descentralizado das regiões do país nas últimas décadas – implica reconhecer que os aspectos territoriais destacados anteriormente da distribuição geográfica dos dados do Censo acompanham uma nova distribuição geopolítica do país.

Por um lado, a constatação censitária de que o Nordeste e o Sul ainda concentram o maior número de católicos pode ser explicada pela ideia de que essas regiões estão dispostas em tradições populares e étnicas, respectivamente, da formação da sociedade brasileira, o que corresponde de forma apropriada com os resultados preliminares do Censo 2010, aqui em discussão. Analisando tais tradições, por exemplo, Menezes (2012, p. 12) afirmou:

A hipótese é que nessas regiões (Nordeste, Sul) a transmissão religiosa ainda ocorre largamente pela família, isto é, que há um grande peso da religião herdada dos pais, da comunidade de origem. E são regiões em que o catolicismo há muito tem o papel de demarcação de identidade, tanto étnica como regional. Tanto é que, nos anos 1990, por exemplo, era dessas regiões que vinha a maior parte do clero católico masculino do país.

Por outro, as variações regionais de percentuais de adeptos das confessionalidades, frente às suas médias nacionais, indicadas anteriormente, permite correlacionar esses novos arranjos da população religiosa com o modelo de desenvolvimento

4 Fraternidade Toca de Assis: casa religiosa não filantrópica ligada à Igreja Católica que abriga e acolhe pessoas moradoras de rua. Trata-se de uma associação religiosa cujos membros, jovens, vivem literalmente como Francisco de Assis vivia, vestindo-se com trajes simples, na extrema pobreza. O Pe. José Litteri foi o fundador da Toca de Assis. A entidade conta com 63 casas em todo o Brasil. Cf. entrevista com Brenda Carranza, intitulada *Uma novidade na estrutura de vida consagrada na Igreja*, publicada na edição 307 da revista IHU On-Line, de 08-09-2009, disponível em: <<http://bit.ly/jGeqyp>>.

5 Arautos do Evangelho: associação religiosa privada de fiéis de direito pontifício, a primeira a ser erigida pela Santa Sé no terceiro milênio, o que ocorreu por ocasião da festa litúrgica da Catedral de São Pedro em 2001. Estão espalhados por mais de 78 países. Seus membros se propõem a observar a obediência, a pobreza e a castidade, como muitas ordens religiosas como os Franciscanos e os Carmelitas. – Agradeço a Thamiris Magalhães pela elaboração desta nota e da anterior.

geopolítico que avança para um “Brasil novo”⁶ (SANCHIS, 2012, p. 6) identificado com as ondas recentes de crescimento socioeconômico e de migração para a região Norte e estados da região Centro-Oeste do país, como também devem ser analisadas considerando o potencial dos meios de comunicação para produzir e reproduzir comunidades virtuais de fiéis.

Nessas novas áreas de concentração populacional do país, já formadas em uma composição multicultural densa e contrastiva⁷, os sujeitos convivem regularmente com expressões religiosas diversas das confessionalidades tradicionais, que se arranjam em formações adaptadas para fidelizar novos adeptos. Entretanto, a difusão midiática de cultos católicos e evangélicos, assim como a constante presença de padres carismáticos, pastores e bispos conhecidos que transitam por essas regiões, permitem basear essa correlação na percepção de que as variações de afiliações religiosas por região sugerem um modelo de irradiação difusa das mudanças religiosas que, provavelmente, tendem a acompanhar as redes tecidas pelos atores religiosos em seus deslocamentos. Nesse sentido, creio que ocorre entre os atores religiosos, nessas áreas de expansão, uma transregionalização religiosa⁸ que liga nós e laços das redes religiosas em novos circuitos de trânsito religioso, deslocados das estruturas confessionais dos grandes centros urbanos do país.

Seja vista de uma perspectiva ou de outra, parece certo que as mudanças no escopo das afiliações religiosas operam corroendo a predominância católica pelas beiradas, sejam essas operações pensadas como residuais ou emergentes.

Nesse sentido, a sistematização dos dados censitários agregados em escopos territoriais específicos auxilia a percepção de que tais arranjos e mudanças no panorama nacional,

6 Segundo Sanchis (2012, p. 6), as regiões de expansão da modernização do país são propícias à reformulação dos projetos de individualização dos sujeitos: “Brasil Novo: o Norte, e especialmente o Pará profundo, os antigos territórios, os dois Mato Grosso. Populações recém-imigradas, oriundas das terras típicas da tradição: Nordeste, Sul. Cortadas desta tradição, não encontram nas novas terras a implantação da estrutura paroquial clássica, que amparava sua formação, sua vivência, suas expectativas. Vida profissional também em outra escala e em perspectivas dinâmicas de transformação – econômica e social. Neste ambiente novo, são através de outras tribos, outras redes, outros ajuntamentos comunitários, que o recém-afirmado ‘indivíduo’ vai se reformulando como pessoa”.

7 Para além dos dados de formação populacional das regiões Norte e Centro-Oeste, nos últimos Censos, que evidenciam uma crescente composição de migrantes que se deslocaram das regiões sul, sudeste e, mais recentemente, nordeste, algumas pesquisas que coordenou e orientou, na região nordeste do Mato Grosso, em Belém e Boa Vista, permitem apreender empiricamente várias emergências religiosas oriundas dessa composição multicultural.

8 Uso o termo transregionalização religiosa para relacionar o desenvolvimento dessas redes àquelas reconhecidas por Ari Oro, em suas pesquisas sobre a transnacionalização de religiões afro-brasileiras e pentecostais (Cf. ORO, STEIL, RICKLI, 2012).

desde as beiradas, produzem perspectivas correlatas por regiões e estados do país. Isso é o que demonstra o panorama da diversidade religiosa exposto em matéria recente do jornal *Zero Hora*.⁹

Por fim, importa destacar que os fatores que se arranjam na produção da queda de predominância católica no país não são exclusivos desta confessionalidade. A se considerar alguns fatores que levaram a Igreja Universal do Reino de Deus a perder 10% dos fiéis na última década, pode-se perceber que esses fatores se irradiam desde as tensões produzidas entre as confessionalidades para a dinâmica endógena das mesmas, em constante diversificação.

Destacaria três fatores. As cisões no interior da IURD, tendo como exemplo a saída de bispos dela que foram para a recém-fundada Igreja Mundial do Poder de Deus, arrastando milhares de fiéis; a difusão de uma ética indolor, pragmática e experimental – como indicada por Gilles Lipovetsky (2005), em *O crepúsculo do dever* – na experiência de pertencimento religioso, que desobriga os fiéis do cumprimento de deveres absolutos e exteriores e reforça o processo de individualização e autonomia deles (perspectiva que atinge outras lógicas de pertencimento religioso contemporâneo); e a expansão da privatização religiosa, que era característica de católicos e, mais recentemente, de algumas denominações de protestantes históricos, que se define pela religiosidade vivida “à minha maneira”, como declaravam categorias de indivíduos, no Censo de 2000.

Esses fatores permitem inferir que o crescimento religioso de uma confessionalidade ou denominação religiosa, sobretudo nos centros metropolitanos, como apontado pelos últimos Censos, está associado à crescente diferenciação de seus fiéis, pelo caráter contrastivo que a sua concentração produz. Aqui evidencia-se um hibridismo que se caracteriza pela intercorrência de escalas de crescimento religioso e urbano, como fenômenos que se interpenetram em fluxos constantes e que se arranjam em composições variadas. Esse fenômeno ainda carece de análise.

Outra explicação desse decréscimo diz respeito ao jogo de forças travado pela concorrência religiosa, no campo evangélico e pentecostal, com repercussões midiáticas que geram alianças conjunturais e repercussões na opinião pública, como ocorreu na última década, muito bem analisadas por Ricardo Mariano. Por exemplo, ver uma excelente análise postada por esse autor no sítio do NER/Núcleo de Estudos da Religião da UFRGS (MARIANO, 2012).

9 Cf. matéria disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/geral/pagina/a-diversidade-religiosa-no-rs.html>>.

Os desafios propostos às religiões pelo novo mapa religioso brasileiro

Frente às discussões aqui elaboradas, destacaria dois desafios importantes. O primeiro refere-se à necessidade de as tradições e confessionalidades religiosas traduzirem suas místicas, seus princípios éticos e seus sistemas doutrinários em linguagens acessíveis e atrativas às novas experiências sociais (que muitos autores têm tratado como “novas gramáticas sociais”), sem perder suas “estruturas de plausibilidade”, como bem argumentou Peter Berger (1996), frente aos desafios do secularismo. Nesse caso, o simpósio que o IHU promoveu sobre Igreja, cultura e sociedade¹⁰ pode ser um marco importante de análise. O segundo desafio é encontrar mediações para ampliar o diálogo inter-religioso, em um campo de concorrência acirrada entre tradições ou denominações religiosas.

Nos dois casos propostos, vou me autorizar a reproduzir uma introdução que elaborei para um livro organizado por amigos.

Os resultados do último Censo permitem reconhecer que o campo religioso contemporâneo carrega a marca da pluralidade e do pluralismo (SANCHIS, 2012), e se define, mais do que antes, pelas problematizações que tal pluralismo provoca. Isso porque os reptos constantes que as diversas denominações religiosas dirigiram, e ainda dirigem, à predominância católica no Brasil têm flexibilizado as fronteiras e os padrões sociais das práticas religiosas, e modificado o cenário institucional religioso.

Simultaneamente, vimos emergir nesse mesmo campo religioso de pluralismo concorrencial, nas últimas décadas, processos de significação individuais e coletivos que, combinados com estruturas de sentimentos abertas a novas percepções, rearranjam de forma reflexiva os modelos prevalecentes de religiosidade. Reagindo a esse reordenamento, as antigas tradições religiosas se atualizam seletivamente, ora incorporando, ora desincorporando representações e crenças diversas. E seguindo a máxima de que nada se perde, tudo se transforma, essas mudanças têm deixado lacunas sobre as quais os atores religiosos contemporâneos fabricam novos modelos, ou também atualizam os antigos.

Nesse quadro de atualizações e fabricações religiosas inacabadas (que tenho denominado de campo performático-religioso), as experiências religiosas populares têm ganhado força, novamente, pela sua capacidade performática de produzir estratégias e gerir identidades em negociação com alteridades distintas.

10 Diálogos desse simpósio estão disponíveis em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=403>>.

Enquanto as institucionalidades religiosas se atualizam vagarosamente, em virtude de suas premências normativas (isso repercutiu, no último Censo, na constatação da queda dos fiéis da Congregação Cristã no Brasil, por exemplo), foi agindo em um plano emergente ou residual às tradições confessionais, mesmo sub-repticiamente, que as experiências religiosas populares se atualizaram e passaram a ganhar visibilidade no panorama religioso.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de. Religião em trânsito. In: MARTINS, Carlos B.; DUARTE, Luiz F. D. (coords.) *Horizonte das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: ANPOCS, 2010, p. 367-405.
- BERGER, Peter. Secularization and pluralism. *Internacional Yearbook for Sociology of Religion*. 2, 1996, p. 73-84.
- DEWEY, John. *Liberalismo, liberdade e cultura*. SP: Nacional/EDUSP, [1939] 1970.
- DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular. movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Delume-Dumará; ANPOCS, 1995.
- GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva; política, tradição e estética na ordem social moderna*. SP: EdUnesp, 1997.
- FERRY, Luc. *O que é uma vida bem sucedida?* RJ: Difel, 2004.
- JORGE, Érica; RIVAS, Maria Elise. Por uma interpretação do Censo 2010 da repressão ao Movimento Umbandista atual. *Identidades*, São Leopoldo, RS, Vol. 17, nº 1, p. 121-136, jan.-jun. 2012. Disponível em <http://est.edu.br/periodicos/index.php/identidade>.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2005.
- LOPES, José Rogério. As eleições e o discurso da ética: apontamentos sobre a “porosidade” entre as esferas política e religiosa. *Debates do NER*, Porto Alegre, RS, Ano 7, nº 10, jul.-dez./2006, p. 89-104.
- MARIANO, Ricardo. Avança a mutação religiosa e cultural no Brasil. *Boletim do NER*, Porto Alegre, 2012. Disponível em <http://www.ufrgs.br/ner/index.php/estante/visoes-a-posicoes/37-avanca-a-mutacao-religiosa-e-cultural-no-brasil>.
- MENEZES, Renata. Censo 2010, fotografia panorâmica da vida nacional. *IHU On-Line*, São Leopoldo, RS, Edição 400, ago./2012, p. 10-13. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=400>.
- ORO, Ari. STEIL, Carlos A.; RICKLI, João (Orgs.). *Transnacionalização religiosa: fluxos e redes*. SP: Terceiro Nome, 2012.
- RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro. A desafeição religiosa de jovens e adolescentes. *Entrevistas IHU*, São Leopoldo, RS, IHU, 5/7/2012. Disponível em <http://migre.me/anzQD>.
- SANCHIS, Pierre. Pluralismo, transformação, emergência dos indivíduos e suas escolhas. *IHU On-Line*, São Leopoldo, RS, Edição 400,

ago./2012, p. 5-7. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=400>.

_____. O repto pentecostal à 'cultura católico-brasileira'. *Revista de Antropologia*, Vol. 34. SP: USP, 1994.

TEIXEIRA, Faustino. O campo religioso brasileiro na ciranda dos dados. *IHU On-Line*, São Leopoldo, RS, Edição 400, ago./2012, p. 114-17. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=400>.

TOFFLER, Alvin. A superescolha. In: _____. *O choque do futuro*. RJ: Artenova, 1973.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Kirschke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonard Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum

- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring/Julioz ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Verissimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unidosinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton e Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatéutica* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Nildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden

- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gemistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentí Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell’Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engemann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói* – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Êderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues

- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luís do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira



José Rogério Lopes é graduado em Pedagogia pela Universidade de Taubaté (1983), mestre (1991) e doutor (1997) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professor titular e coordenador do PPG em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, e em Políticas Públicas, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade, imagética religiosa, devoções populares, pobreza, processos de exclusão e cidadania.

Recentes publicações do autor

LOPES, José Rogério. "O divino retorno: uma abordagem fenomenológica de fluxos identitários entre a religião e a cultura". *Etnográfica*, v. 16, p. 339-364, Lisboa, 2012.

_____; GADEA, Carlos A.; MÉLO, José Luiz Bica de (Org.). *Periferias, territórios e saberes*. São Leopoldo: Óikos/CAPES/FAPERGS, 2012.

_____; GADEA, Carlos A.; MÉLO, José Luiz Bica de (Org.). *Caderno de Resumos do III Simpósio Nacional Desigualdades, Direitos e Políticas Públicas*. São Leopoldo: Óikos/CAPES/FAPERGS, 2012.

_____. "Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica". *Religião & Sociedade*, v. 31, p. 155-181, 2011.

_____; GIUMBELLI, Emerson (Org.). *Debates do NER – Dossiê Híbrido: Religioso e vivências plurais*. Porto Alegre: NER/PPGAS/UFRGS, 2011.

_____. "Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética". In *Cadernos IHU ideias*, edição n.150, ano 9, São Leopoldo, 2011.

_____. *A imagética da devoção; a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2010.